

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA
**MERCADO
DE TRABALHO**

4º TRIMESTRE DE 2020

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
da Bahia – SEI

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Jonatas Silva do Espírito Santo

Coordenação Editorial

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Luiz Fernando Araújo Lobo

Silvânia Ferreira Conceição

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi

Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Revisão

Bernardo Menezes

Editoração

Alderlan Oliveira

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4733 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

4º TRIMESTRE DE 2020 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **2**

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED **4**

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC **11**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **15**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **15**

NOTA METODOLÓGICA **18**

Pesquisa de confiança do empresariado baiano **18**

4º TRIMESTRE DE 2020

Os trechos “Adeus ano velho!” e “muito dinheiro no bolso, saúde para dar e vender”, de conhecida canção, talvez nunca tenham carregado tanta fé e esperança como na última virada de ano. Realmente, não faltaram motivos. O ano de 2020 foi trágico em muitos aspectos e deixou marcas indeléveis para a história. O surto do novo coronavírus ganhou força e rompeu fronteiras, ultrapassando dimensões sanitárias e incorporando feições econômicas e sociais. A pandemia de covid-19 se transformou em uma crise sistêmica em várias partes do planeta. No Brasil, as consequências se mostraram devastadoras.

A expectativa depositada pelos brasileiros na passagem do ano, entretanto, provavelmente venha se revelar fugaz, afinal, o recrudescimento recente desse caldo viral, que vem se espalhando pelo mundo há mais de um ano, seja como uma segunda onda ou como um prosseguimento da primeira, possui potencial para se credenciar como uma grande ameaça adicional para uma recuperação de curto prazo da economia brasileira como um todo e, assim, transformar o ano que se inicia numa espécie de continuação do recém-terminado. Não à toa, o ano de 2021 iniciou perpetuando dificuldades e obstáculos passados, colocando em xeque qualquer expectativa de reabilitação num curto espaço de tempo. Assim, com a economia combalida e o problema sanitário ainda sem horizonte para uma solução definitiva, o mantra do “agora vai”, alentador de expectativas, precisou ceder espaço para o Brasil real, de elevada incerteza.

No tocante ao mercado de trabalho, pelo menos até o quarto trimestre de 2020, os números revelaram, no máximo, uma retomada estéril. Até o momento, a despeito de alguns resultados alvissareiros na margem, sob uma ótica de mais longo prazo, o ritmo de qualquer recuperação do emprego e da renda não vem demonstrando quaisquer forças estruturais para se sustentar e, muito menos, para se ampliar. Além do mais, infelizmente, o cenário que se desenha de modo mais provável é o de uma segunda onda da crise econômica e não o de um ciclo amplo e enraizado de restabelecimento. Enfim, a tão aguardada restauração econômica e dos empregos, num caminho que nos leve à reabertura dos postos eliminados e depois à retomada propriamente dita, deverá ser postergada novamente, aguardando o impulso do momento em que as medidas de restrição comecem a surtir efeito, a imunização avance e a pressão sobre o sistema de saúde diminua.

Na Bahia, especificamente, não faltam dados para atestar a debilidade da conjuntura do mercado de trabalho em 2020 e a desconfiança quanto a qualquer recuperação significativa num reduzido intervalo de tempo. Como exemplo, tem-se: a primeira perda líquida anual de empregos com carteira assinada após três anos com geração de postos de trabalho; a maior taxa média anual de desocupação desde o início da série em 2012, sendo ainda a mais alta entre as unidades federativas; o menor contingente médio anual de pessoas trabalhando desde 2012; o maior montante médio anual já registrado de desocupados; o pico de pessoas desalentadas em termos de média anual, sendo ainda o maior total do país; o menor estoque médio anual de empregos com carteira assinada da história; o maior montante médio anual de indivíduos fora da força de trabalho, inclusive superando pela primeira vez o número de trabalhadores; e a menor massa de rendimento real de todos os trabalhos da série quando se olha para as médias anuais.

A conjuntura laboral baiana foi examinada neste boletim tendo por base os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). As análises sob os atuais contornos requerem compreender

que o olhar ainda se deu, infelizmente, de um ponto situado num nível muito abaixo do de outrora. Como será possível acompanhar ao longo do texto, as informações levantadas e as considerações erigidas apontaram que o mercado de trabalho baiano ainda se encontrava consideravelmente fragilizado no quarto trimestre, repercutindo em grande medida a catástrofe desencadeada pela pandemia do novo coronavírus há alguns meses. Apesar da recomposição de alguns indicadores no período recente, principalmente aqueles revelados pelos dados oficiais do Caged via Secretaria Especial da Previdência e Trabalho (estrutura originada do rebaixamento do antigo Ministério do Trabalho), fica patente a necessidade de maiores avanços para se ter caracterizada uma recuperação ampla e enraizada. Assim, a cautela se constitui num dos pré-requisitos para a compreensão da grandeza e do alcance de qualquer reabilitação que possa ter sido observada por ora.

Para concluir, é importante deixar claro que, mesmo vislumbrando um cenário extremamente otimista, onde a vacinação tenha alcançado a quase totalidade do contingente populacional do país – o que, até agora, não parece ser o caso – e o epicentro temporal da crise pandêmica tenha mesmo ficado para trás, a economia brasileira ainda enfrentará uma conjuntura bastante desfavorável, marcada por dificuldades em algumas atividades produtivas e no emprego. Por fim, dado que a atividade econômica em território brasileiro já se encontrava em marcha lenta antes mesmo da pandemia eclodir, é plausível inferir que não será a solução dessa questão sanitária o fator chave para catapultar o desempenho econômico – apesar de a mesma se constituir em condição necessária e imprescindível. Nesse compasso, por conseguinte, o mercado de trabalho, um dos últimos pilares a materializar uma reabilitação, ainda vai repercutir por algum tempo as consequências do desequilíbrio econômico e social vivenciado recentemente aqui e ao redor do mundo.

CENÁRIO ECONÔMICO

Segundo dados recentemente divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica do estado no quarto trimestre de 2020, em termos de Produto Interno Bruto (PIB), sofreu uma contração de 0,9% no confronto com o mesmo período do ano anterior. Esse novo tombo, terceiro seguido nessa base de comparação, reforça a percepção da dificuldade que a economia baiana enfrenta para se restabelecer. A performance não será outra senão a da morosidade. O cálculo da SEI para a taxa de crescimento do PIB baiano para o ano passado como um todo, assim, indicou uma retração acumulada de 3,4%.

Apesar de não generalizado e da heterogeneidade entre os setores, o recuo observado retrata uma conjuntura bastante delicada e preocupante. Neste contexto, a indústria ainda demonstra desempenho fraco e pouco robusto e o setor de serviços permanece sendo o de maior debilidade. O quarto trimestre, no entanto, evidenciou certa suavização da crise, que teve seu epicentro nos meses do segundo trimestre de 2020. A atividade agropecuária, por exemplo, além de não ter repercutido os efeitos desse colapso, confirmou a maior produção física anual de grãos da série. O setor de comércio foi outro que mostrou algum avanço, crescendo pela quarta vez seguida – um alento após seis desfechos trimestrais negativos. O empresariado baiano, por sua vez, continuou a indicar recuperação da esperança de restabelecimento no quadro geral em médio prazo, visto que o indicador de confiança, após desabar e registrar pessimismo bastante elevado no segundo trimestre, passou a sinalizar atenuação da incerteza e do pessimismo ao longo dos dois trimestres seguintes.

Efetivamente, conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de dezembro, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2020 apontou uma expansão de 21,5% em relação ao volume do ano anterior, quando a produção totalizou 8,3 milhões de toneladas. A produção física estimada de grãos, assim, fechou o ano com aproximadamente 10,1 milhões de toneladas – o que significou o melhor resultado já registrado. Dessa forma, diante da retração de 0,4% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, se ampliou em 21,9% de um ano ao outro.

Em relação à indústria, de acordo com as informações da Pesquisa Industrial Mensal, do IBGE, a produção baiana acumulada de outubro a dezembro de 2020 teve uma retração de 2,0% frente ao montante produzido no mesmo intervalo de 2019 – emendando seis quedas seguidas nessa base de comparação. O decréscimo no ritmo produtivo do setor ocorreu tanto na indústria de transformação, a qual regrediu 1,6%, quanto na extrativa, com recuo de 8,5% em relação ao quarto trimestre do ano passado. No acumulado de 12 meses, o quadro foi de revés para o total da atividade fabril, com diminuição de 5,3% em relação a igual período imediatamente anterior.

O setor de serviços apresentou nova retração no trimestre mais recente. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços, do IBGE, o volume de serviços prestados, acumulado entre outubro e dezembro de 2020, em relação ao observado nos mesmos meses de 2019, exibiu uma redução de 4,2% – 19ª queda seguida, após três altas sucessivas na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado de 12 meses, que no caso vai de janeiro a dezembro de 2020, a variação continuou negativa, apontando retrocesso de 14,8% comparativamente ao conjunto de 12 meses imediatamente antecedente.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio, do IBGE, mostrou uma alteração positiva no volume de vendas do varejo baiano no quarto trimestre de 2020 no confronto interanual, com alta de 0,4%. A comparação com o mesmo período do ano anterior apresentou o quarto avanço seguido, após seis recuos consecutivos. No acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, no entanto, o indicador para o volume de vendas apontou atrofia de 4,3% – completando nove meses com resultado abaixo de zero nessa base de comparação.

Por fim, ao final do trimestre, conforme o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela SEI, a confiança do empresariado local ainda se mostrou fatigada, apesar de menos atrofiada do que nos meses do trimestre imediatamente antecedente. Dentro do próprio trimestre, o comportamento foi regenerativo, dando prosseguimento a uma trajetória de recuperação iniciada no mês de junho – distanciando-se, assim, seguidamente, do menor estágio da série histórica, assentado em maio (-564 pontos). Em vista disso, a dinâmica de restabelecimento da confiança dos empresários do estado parece ter ganhado fôlego ao longo do quarto trimestre de 2020 (em outubro, -184 pontos; em novembro, -153 pontos; e em dezembro, -143 pontos), repercutindo um processo de abrandamento do recrudescimento recente da incerteza e de melhoria das expectativas. Enfim, alimentando um viés de alta, mesmo que ainda indicando pessimismo moderado, os últimos resultados do ICEB ampliaram o movimento de resgate da confiança no meio empresarial baiano e voltaram a suscitar a crença em um cenário mais otimista num futuro próximo.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED

De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, na Bahia, no quarto trimestre de 2020, o saldo de empregos com carteira assinada foi positivo, indicando uma geração líquida de 29.339 postos¹. A dinâmica com mais admissões que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do referido intervalo – inclusive em dezembro, quando em tese se espera um saldo negativo. O mês de outubro foi o de maior saldo, com 15.844 novas vagas – revelando-se, também, o segundo melhor resultado do ano, inferior apenas ao observado em setembro (+17.267 postos). Os meses de novembro e dezembro testemunharam excedentes menos destacados, com surgimento de 12.993 e 502 novos postos, respectivamente – indicando, assim, mitigação do ritmo da alta ao longo do trimestre. Além do mais, em termos de saldo, vale destacar que cada um desses três meses evidenciou um desempenho superior ao do mês correspondente do ano anterior.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no quarto trimestre de 2020, com 740.142 postos a mais. Ademais, vale ressaltar, todas as regiões originaram postos de trabalho. O Sudeste, com a eclosão de 357.309 vagas, evidenciou a melhor situação. A Região Norte registrou a menor geração líquida, com um surgimento de 29.989 empregos celetistas. Das unidades da Federação, não houve fechamento líquido em qualquer uma delas. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 29.339 oportunidades ocupacionais, ficou na oitava posição, uma colocação abaixo da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia ficou com o segundo melhor desempenho, enquanto Ceará (+35.366 postos) e Piauí (+4.642 postos) exibiram o maior e o menor saldo no período, respectivamente.

Ao longo de 2020, entretanto, a despeito dos saldos positivos nos dois trimestres mais recentes, foram eliminados 5.307 postos na Bahia, o que representou uma diminuição de aproximadamente 0,3% no estoque de 1.712.710 empregos com carteira assinada existente quando se iniciou o referido ano. Entre os meses do ano, a perda líquida de empregos foi realidade em somente quatro deles (março: -15.902 postos; abril: -37.662 vagas; maio: -18.850 postos; e junho: -2.524 postos). Com esse resultado agregado ficou muito mais difícil neutralizar as perdas dos anos da última crise, quando quase 150 mil postos celetistas foram encerrados (especificamente 76.090 e 73.067 postos em 2015 e 2016, respectivamente) – minando, assim, o entusiasmo quanto ao processo de reabilitação vivenciado nos anos de 2018 e 2019, quando emergiram 30.746 e 30.858 novos postos, nessa ordem. No Brasil como um todo, diferentemente do observado em território baiano e em outras sete unidades da Federação, o saldo se revelou positivo no último

1 Conforme a Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (SEPRT), seguindo um cronograma de implantação com término em novembro de 2021, o Caged vem sendo substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial) como meio para a prestação de informações por parte do empregador. A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, a SEPRT vem se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes, dando origem ao que se convencionou chamar de novo Caged – mas que aqui, por praticidade, continuará sendo identificado simplesmente como Caged. No futuro, quando todas as empresas estiverem desobrigadas a declarar o Caged, o eSocial será a única fonte de dados a alimentar o novo Caged.

ano, com 142.690 novos empregos formais². Em 2020, por fim, a Bahia assumiu o quarto pior resultado entre as unidades federativas.

Com o olhar sobre as médias móveis de 12 meses, abarcando os registros do trimestre mais recente, a Bahia acabou de experimentar o nono saldo negativo consecutivo de empregos formais (Gráfico 1) – circuito iniciado em abril do ano passado, com o pior momento repercutido em junho (-5.392 postos). Antes disso, porém, houve um intervalo de 28 resultados mensais ininterruptos com geração líquida de oportunidades ocupacionais, cujo auge ocorreu em junho de 2019 (+3.308 postos) – no entanto, um período com altos e baixos, principalmente nos últimos meses, o que ampliava a suspeição quanto à intensidade da restauração.

Assim, portanto, antes mesmo do surto do novo coronavírus se confirmar como pandemia, o mercado de trabalho baiano não havia começado bem o ano de 2020. O que se observou ao longo do primeiro trimestre daquele ano, por exemplo, foi simplesmente a reprodução do retrospecto pouco vigoroso dos meses anteriores, carregando a pecha de um percurso arrastado e sem tração para o ano que se iniciava e reafirmando toda a lentidão do processo de regeneração. Para completar, no segundo trimestre, solapado pela grave crise decorrente da epidemia de covid-19, o mercado de trabalho do estado voltou a ruir e se deparou com mais um desequilíbrio, voltando a exibir saldo médio negativo de vagas e iniciando assim mais uma fase de contração. Por ora, pelo visto, parece se tratar de um ciclo relativamente curto, dado ter perdido muito fôlego ao longo dos dois últimos trimestres, com indícios de encerramento ainda no mês de dezembro.

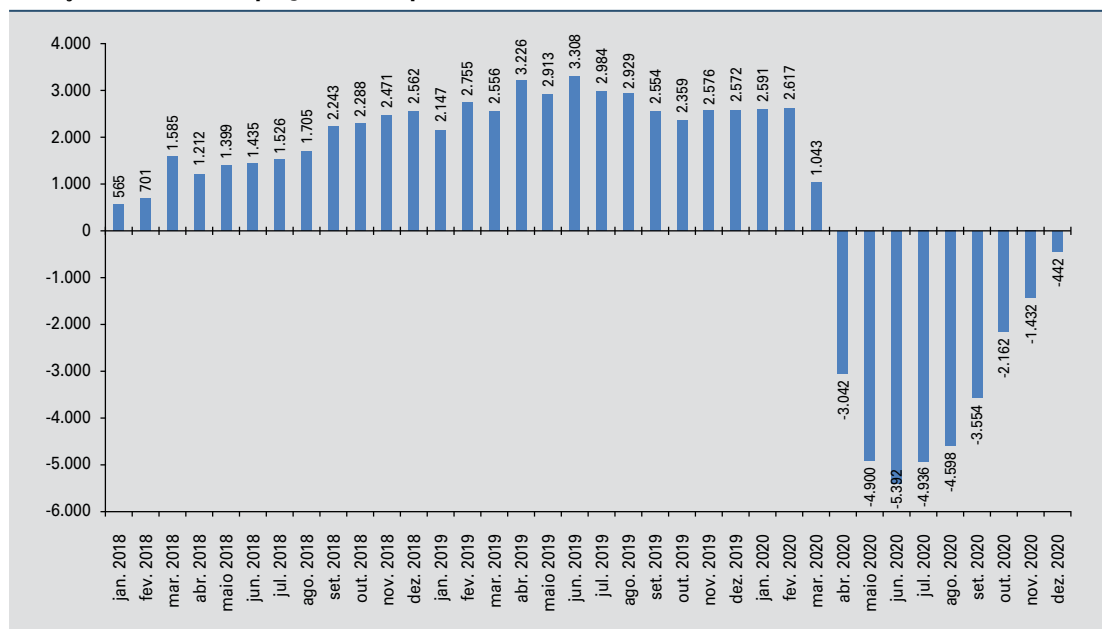
Enfim, mesmo sem ter conseguido ratificar uma fase pujante e enraizada de restabelecimento – já que desde o pior momento da conjuntura dos últimos anos, em junho de 2016, quando da perda líquida média de 7.384 postos, seguiu-se apenas um itinerário paulatino de reabilitação –, o mercado de trabalho baiano se defrontou com o fim forçado desse processo de regeneração³. Esse novo ciclo de supressão de postos, apesar do recuo vertiginoso, do elevado nível de incerteza presente inicialmente e dos contornos dramáticos, começou a perder força ao longo do terceiro e do quarto trimestres de 2020, dirimindo assim o potencial inicial de consolidação da musculatura desse ciclo contracionista.

2 Ao longo do texto, no contexto do Caged, o termo ‘emprego formal’ se constitui numa simplificação para tratar da relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

3 Dadas as diferenças metodológicas e as distintas naturezas de captação existentes entre o Caged e o eSocial, como bem reforça a SEPRT, as mudanças em curso iniciaram uma nova série de dados do mercado de trabalho formal. Por isso, a comparação com períodos anteriores ao ano de 2020 não é recomendada. Aqui, a comparação foi mantida, deixando expostos os alertas. Outra observação a se levar em conta diz respeito ao fato de as declarações fora do prazo remanescentes do ano de 2019 (as que não se encontram mais em curso de recebimento) ainda não terem sido disponibilizadas.

Gráfico 1

Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de 12 meses – Bahia – Jan. 2018-dez. 2020



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

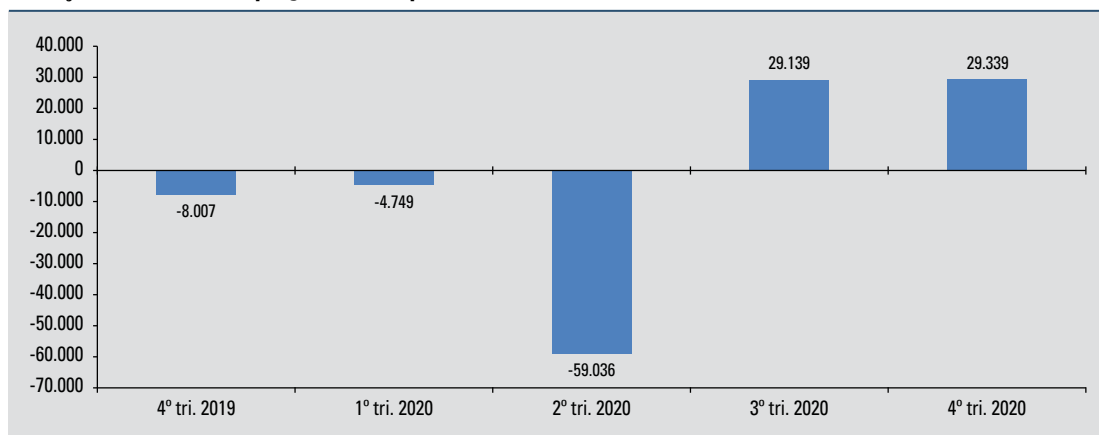
Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

Na Bahia, em termos de saldo, pode-se dizer que o resultado do derradeiro trimestre de 2020 não foi nada típico. A variação positiva do número de postos de trabalho no intervalo mais recente, indicando que 29.339 novos contratos com carteira foram assinados, mostrou-se uma imensa novidade, pois foi a primeira para um quarto trimestre, pelo menos desde 2010. Dessa forma, o conjunto dos meses de outubro a dezembro do ano passado, ao evidenciar considerável expansão do nível de emprego, amparou o maior saldo para um quarto trimestre no estado. Aliás, o que é ainda mais alentador, trata-se do melhor resultado trimestral desde o registrado no segundo trimestre de 2011 (+43.745 postos). Isso tudo pouco tempo depois do pior resultado trimestral desde o início da década passada, o do segundo trimestre de 2020, quando 59.036 vagas foram encerradas.

Como exposto pelo Gráfico 2 logo abaixo, o saldo trimestral mais recente foi o segundo positivo seguido de 2020. A eclosão de 29.339 novas vagas no último trimestre daquele ano, portanto, representou um reforço adicional no percurso de superação das perdas apontadas por dois resultados negativos seguidos dentro do ano, já que o trimestre inaugural e o segundo de 2020 amargaram eliminações líquidas de 4.749 e 59.036 postos, na devida ordem. Um ano antes, porém, como costuma ocorrer num quarto trimestre, o cenário havia sido desfavorável, pois houve recuo da ocupação formal, com o mercado de trabalho baiano lidando com um enxugamento de 8.007 vagas à época.

Gráfico 2

Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 4º tri. 2019-4º tri. 2020



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

Na avaliação setorial do quarto trimestre de 2020, quatro dos estratos setoriais incorporaram novos postos de trabalho na Bahia. Os setores de *Comércio* e de *Serviços*, de longe, destacaram-se com os desempenhos mais proeminentes entre as categorias, com a geração líquida de 17.182 e 14.547 postos de trabalho, respectivamente. Em seguida, com saldos positivos bem menos protuberantes, conforme se pode acompanhar pela tabela logo abaixo, a *Indústria geral* (+907 postos) e a *Construção* (+779 postos) exibiram contratação líquida de trabalhadores. A *Agropecuária*, com a perda líquida de 4.076 vagas, foi a única atividade a registrar um número maior de fechamentos do que aberturas de postos no citado intervalo no estado.

Como dito anteriormente, a dilatação do mercado de trabalho formal baiano no quarto trimestre não atingiu todos os estratos setoriais, pois houve supressão líquida de postos em um deles⁴. Nesse quesito, no mesmo trimestre do ano anterior, apenas um dos setores abriu mais vagas do que fechou e, em termos de saldo, à época, todas as cinco atividades exibiram um desempenho inferior ao observado recentemente. No terceiro trimestre de 2020, por outro lado, constatou-se aumento da ocupação formal em todos os setores, com três das atividades contabilizando resultado líquido melhor naquele trimestre do que no último trimestre do mesmo ano (Tabela 1)⁵.

4 Em sintonia com o IBGE na divulgação das estatísticas da PNADC, a SEPRT passou a adotar a classificação de atividades econômicas baseando-se na agregação das seções da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0). No entanto, a fim de diminuir o número de estratos e de otimizar a análise das estatísticas de emprego formal, as seções foram agrupadas em atividades semelhantes, culminando em cinco grandes categorias: *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura*; *Indústria geral*; *Construção*; *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*; e *Serviços*.

5 O grupamento de atividade denominado *Indústria geral* subdivide-se em quatro seções: *Indústrias extrativas*; *Indústrias de transformação*; *Eletricidade e gás*; e *Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação*. Enquanto isso, o de *Serviços* possui 14 desagregações: *Transporte, armazenagem e correio*; *Alojamento e alimentação*; *Informação e comunicação*; *Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados*; *Atividades imobiliárias*; *Atividades profissionais, científicas e técnicas*; *Atividades administrativas e serviços complementares*; *Administração pública, defesa e seguridade social*; *Educação*; *Saúde humana e serviços sociais*; *Artes, cultura, esporte e recreação*; *Outras atividades de serviços*; *Serviços domésticos*; e *Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais*.

Tabela 1**Saldo de empregos formais por grupamento de atividade econômica, por trimestre – Bahia
– 4º tri. 2019/3º tri. 2020/4º tri. 2020**

Grupamento de atividade econômica	4º tri. 2019	3º tri. 2020	4º tri. 2020
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	-4.559	4.204	-4.076
Indústria geral	-3.654	8.006	907
Construção	-3.812	7.903	779
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	6.625	4.593	17.182
Serviços	-2.607	4.433	14.547
Total	-8.007	29.139	29.339

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

Quanto à distribuição intraestadual, no quarto trimestre de 2020, a Região Metropolitana de Salvador (RMS) e o interior experimentaram surgimento líquido de vagas (Tabela 2). Enquanto na RMS foram absorvidos 17.872 novos empregados com registro em carteira, no interior, o resultado indicou 11.467 ocupações a mais. Um ano antes, porém, houve perda líquida de postos em ambas as regiões – expondo, portanto, uma conjuntura oposta e bem mais favorável agora do que há um ano, tanto para uma quanto para a outra. Em comparação com o trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades também foram geradas nas duas regiões, a principal diferença se deu na sutileza pontual da inversão de protagonismo, já que foi a RMS que passou a ostentar um melhor saldo no intervalo mais recente.

Quando se volta para o acumulado do ano, ao longo dos 12 meses de 2020, a supressão líquida de empregos formais na Bahia (-5.307 postos) foi influenciada principalmente pelo desempenho negativo da RMS (-9.557 postos), já que o interior (+4.250 postos) registrou uma geração líquida de postos, o que colocou aquela instância geográfica como núcleo principal da perda de dinamismo do mercado de trabalho formal no território baiano no referido ano. De certa forma, o espaço metropolitano se constituiu num entrave a um desempenho menos adverso do mercado de trabalho formal em território baiano no último ano.

Tabela 2**Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 4º tri. 2019/3º tri. 2020/4º tri. 2020**

Área geográfica	4º tri. 2019	3º tri. 2020	4º tri. 2020
Bahia	-8.007	29.139	29.339
RMS	-2.121	10.028	17.872
Interior	-5.886	19.111	11.467

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados; e iv) a RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo positivo de 29.339 empregos formais na Bahia, observado no quarto trimestre, foi proveniente de 160.308 admissões e 130.969 desligamentos (Tabela 3). Em relação ao mesmo trimestre do ano antecedente, as admissões cresceram, ao passo que as deposições recuaram – aquelas em 5,2% (7.864 admitidos a mais) e estas em 18,4% (29.482 desligados a menos). A dinâmica com alta das contratações ao tempo em que reduzem os desligamentos se constitui num movimento sinérgico e ajuda a entender a ocorrência de um resultado positivo enormemente mais acentuado do que há um ano. No entanto, pelo visto, a despeito do importante avanço

na reposição de quadros nessa base de comparação, a recuperação do mercado de trabalho baiano no trimestre mais recente, retratada aqui pelo maior saldo desde o início da década atual, se ancorou mais intensamente no recuo das dispensas – posto que tal montante encolheu consideravelmente e se encontra num nível considerado baixo em termos históricos.

No geral, conforme a tabela abaixo, houve recuo na maioria das formas de movimentação no mercado de trabalho baiano no quarto trimestre de 2020 em relação ao mesmo trimestre de 2019⁶. Em termos absolutos, entre os trimestres comparados, a alta nas admissões ecoou essencialmente a elevação em uma das formas de contratação: a admissão por reemprego (25.256 admissões a mais). Enquanto isso, o encolhimento nos desligamentos foi puxado principalmente pelo decréscimo verificado nos desligamentos por demissão sem justa causa (26.749 desligados a menos) e naqueles por término de contrato (26.384 desligados a menos).

Do conjunto das categorias (de admitidos e de desligados), em termos relativos, os contratos por prazo determinado (-96,5%) e os desligamentos por término de contrato (-91,8%) exibiram as maiores quedas de um trimestre para outro. Na outra ponta, os termos de contrato de trabalho por prazo determinado (+264,5%) e as admissões por reintegração (+21,8%) apresentaram as altas de maior magnitude relativa⁷. Exclusivamente entre os tipos de movimentação de maior predomínio, o reemprego⁸, tipo de contratação mais comum, aumentou 20,3% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Na esfera dos desligamentos, a demissão sem justa causa, forma mais habitual de findar uma relação empregatícia, apresentou decréscimo de 26,4%.

6 O desligamento por acordo se trata de uma nova categoria de movimentação, criada pela mais recente reforma trabalhista (Lei nº 13.467/17), cuja vigência teve início no dia 11 de novembro de 2017.

7 No boletim deste trimestre, o subtópico que trata dos salários médios de admissão e de desligamento não foi explorado por ausência de informações, lacuna provavelmente temporária, já que a captação das estatísticas do emprego formal se encontra em transição. A SEPRT, por sua vez, garantiu que o conteúdo será mantido, visto que o eSocial não somente capta todas as informações que constam no Caged como possui uma maior cobertura.

8 Reempregado é aquele que já havia exercido ocupação formal no mercado de trabalho anteriormente.

Tabela 3
Comportamento do mercado de trabalho formal por tipo de movimentação no quadro de empregados
– Bahia – 4º tri. 2019/4º tri. 2020

Tipo de movimento	4º tri. 2019	4º tri. 2020	Variação	
			Relativa	Absoluta
Admissão por reemprego	124.438	149.694	20,3%	25.256
Admissão por primeiro emprego	12.383	9.924	-19,9%	-2.459
Contrato trabalho prazo determinado	15.499	539	-96,5%	-14.960
Admissão por reintegração	124	151	21,8%	27
Admissão por transferência	0	0	-	-
Total de Admissões	152.444	160.308	5,2%	7.864
Desligamento por demissão sem justa causa	101.234	74.485	-26,4%	-26.749
Término contrato trabalho prazo determinado	7.435	27.099	264,5%	19.664
Desligamento a pedido	20.099	22.755	13,2%	2.656
Desligamento por término de contrato	28.733	2.349	-91,8%	-26.384
Desligamento por acordo entre empregado e empregador	1.420	1.142	-19,6%	-278
Desligamento por demissão com justa causa	932	906	-2,8%	-26
Desligamento por morte	488	482	-1,2%	-6
Desligamento por culpa recíproca	-	190	-	-
Desligamento por aposentadoria	110	36	-67,3%	-74
Desligamento por transferência	0	0	-	0
Desligamento de tipo ignorado	-	9	-	-
Não identificado	-	1.516	-	-
Total de Desligamentos	160.451	130.969	-18,4%	-29.482
Saldo (Admissões - Desligamentos)	-8.007	29.339	-	-

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; ii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

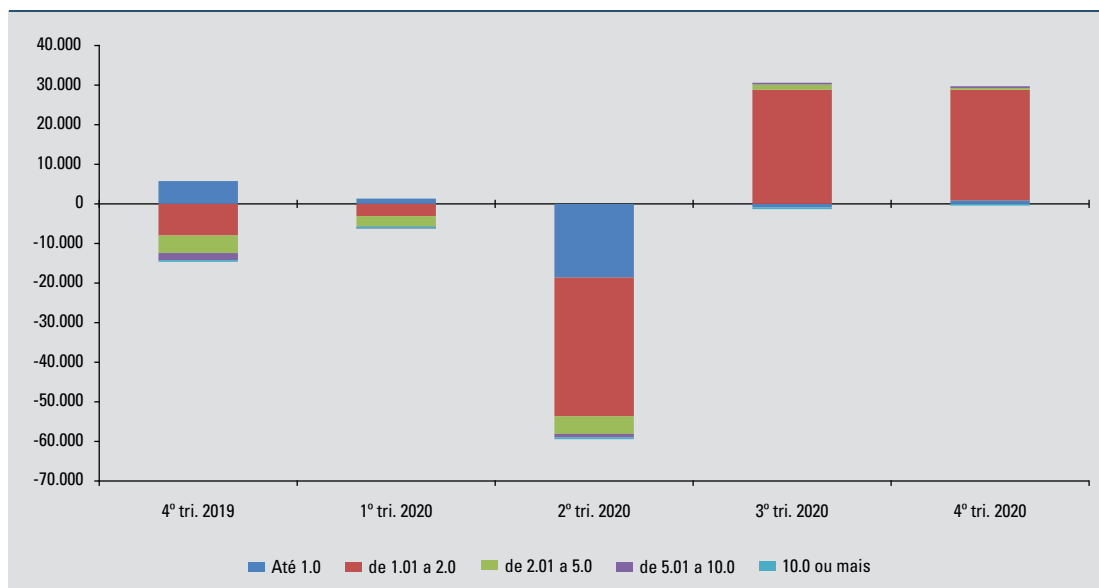
De outubro a dezembro, reforçado por um resultado positivo no agregado bastante dilatado – maior quantitativo trimestral dos últimos dez anos –, o surgimento líquido de vagas aconteceu em quatro dos cinco estratos de remuneração analisados (até um, de um a dois, de dois a cinco e de cinco a dez salários mínimos). A captação líquida de trabalhadores no trimestre mais recente, portanto, não se deu apenas para os postos com as maiores remunerações, a faixa de dez ou mais salários mínimos – sendo a perda dessas vagas irrisória comparativamente ao somatório dos saldos positivos nas demais.

A camada dos que receberam de um a dois salários mínimos despontou com a maior geração líquida de vínculos no quarto trimestre de 2020, numa magnitude bem superior às demais. Enfim, nesta fase, mesmo marcado por avanços do quadro econômico, o mercado de trabalho ainda não teve a capacidade de gerar postos de trabalho em todos os grupos salariais, concentrando as contratações nos postos de retorno financeiro relativamente baixo, os de um a dois salários mínimos – por sinal, grupo de maior rescisão líquida de contratos no pior momento da crise, ocorrido no segundo trimestre daquele ano.

Neste enquadramento de saldos por faixa de salário mínimo, o panorama no quarto trimestre de 2020 se mostrou bem mais favorável do que o observado há um ano. Além de a geração líquida de postos ter se dado em apenas uma classe à época (de até um salário mínimo), somente uma das faixas de rendimento, a de até um salário mínimo outra vez, não exibiu resultado líquido melhor agora – ou seja, as outras quatro categorias apresentaram saldo maior no trimestre mais recente. Em relação ao terceiro trimestre, a cena estampada no último trimestre daquele ano

manteve certa constância, já que enquanto por um lado a supressão líquida de postos alcançou uma categoria a menos no intervalo mais recente, por outro, apenas dois dos estratos salariais exibiu um saldo melhor.

Gráfico 3
Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo
– Bahia – 4º tri. 2019-4º tri. 2020



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; ii) as informações referentes ao ano de 2019 não contemplam as declarações fora do prazo; e iii) em 2020, excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 4, a desocupação na Bahia atingiu 20,0% da população na força de trabalho no quarto trimestre de 2020. O resultado em questão representou a segunda maior taxa trimestral de desocupação desde o início da pesquisa, abaixo apenas da estimada para o trimestre imediatamente antecedente (20,7%)⁹. Dessa forma, com o ano fechado, a taxa média anual de desocupação no estado ficou em 19,8% – também a maior da série. No Brasil e no Nordeste, a desocupação observada no último trimestre do ano ficou em 13,9% e 17,2%, respectivamente – valores que também ocuparam o segundo maior patamar de cada série correspondente.

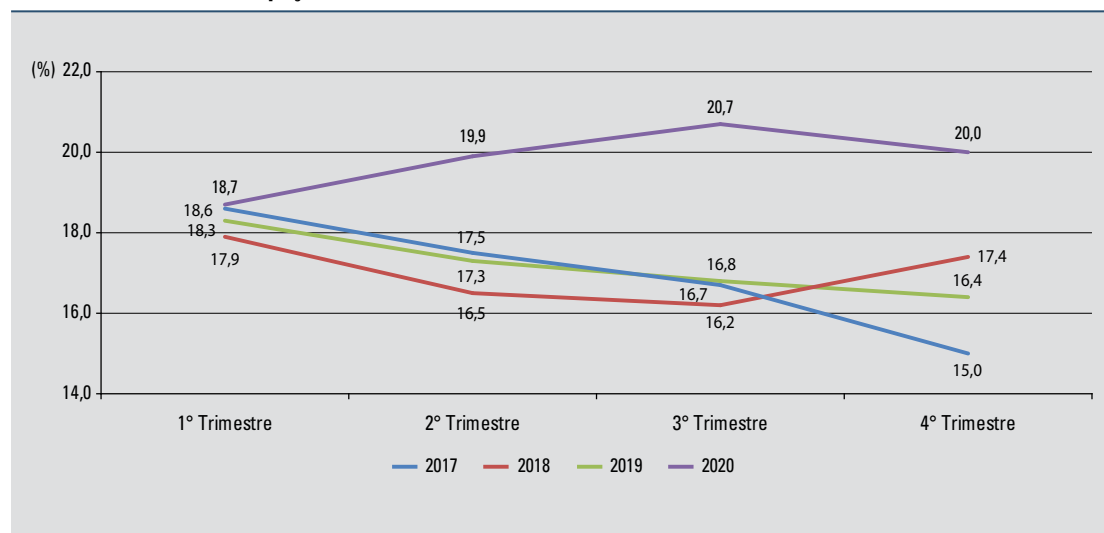
A Região Nordeste (17,2%), por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul com a menor (8,2%). Entre as unidades da Federação, a Bahia exibiu o índice mais elevado no trimestre de outubro a dezembro de 2020 – fato repetido pela sétima vez em sequência. Desta vez, no entanto, a Bahia dividiu o posto com Alagoas, que também exibiu uma taxa de 20,0%. Na outra ponta, Santa Catarina (5,3%) apresentou a menor estimativa. Na Bahia, portanto, o referido indicador foi quase o quádruplo do observado em Santa Catarina nos últimos três meses do ano passado.

9 A PNADC foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.

O percentual de desocupados da força de trabalho na Bahia se elevou seguidamente até o terceiro trimestre de 2020, num movimento que começou no trimestre inaugural do mesmo ano. No último intervalo do ano, porém, essa trajetória a montante foi descontinuada e o mencionado indicador exibiu recuo (Gráfico 4). Assim, em 2020, ao terminar com 20,0%, a taxa trimestral de desocupação sofreu uma alta de 3,6 pontos percentuais, quando se compara tal índice com o do quarto trimestre de 2019 (16,4%), suplantando, assim, em mais que o triplo, toda a redução materializada durante o ano imediatamente antecedente, uma queda acumulada de 1,0 ponto percentual. Essa guinada altista resulta sobremaneira dos efeitos devastadores da crise sanitária do novo coronavírus no Brasil e no mundo ao longo de quase todo o ano passado.

Após a subida no terceiro trimestre de 2020, quando atingiu 20,7%, a taxa de desocupação no estado diminuiu 0,7 ponto percentual no trimestre mais recente, fazendo desse movimento um elemento de esperança pela superação do quadro atual de deterioração. No entanto, expectativas elevadas devem ser evitadas, afinal tal dinâmica não seria uma surpresa, já que refletiria um comportamento um tanto comum do mercado de trabalho baiano no último trimestre do ano, quando se aguarda uma queda da desocupação (em parte, associada a fatores sazonais) – fato somente não observado em três dos anos da série, os de 2012, 2016 e 2018. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2019, quando o indicador foi estimado em 16,4%, houve crescimento, com a taxa mais recente ficando 3,6 pontos percentuais acima. No contexto atual, toda a perspectiva de reabilitação nutrida até o final do ano de 2019 perdeu sentido ao longo de 2020.

Gráfico 4
Taxa trimestral de desocupação – Bahia – 2017-2020



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

O nível da ocupação em território baiano no trimestre encerrado em dezembro de 2020 aumentou no comparativo com o trimestre imediatamente antecedente e diminuiu em relação ao de um ano antes¹⁰. Dessa forma, o percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas caiu para 41,9% – fincando o terceiro menor valor da série –, ao passo que havia sido de 39,5% e 48,5% no terceiro trimestre de 2020 e no quarto de 2019, respectivamente. A taxa de participação

¹⁰ O nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar.

também estabeleceu a terceira menor marca ao ficar em 52,4% no intervalo mais recente¹¹ – alta de 2,5 pontos percentuais frente ao trimestre imediatamente antecedente (49,9%) e queda de 5,6 pontos percentuais em comparação com o quarto trimestre de 2019 (58,0%).

No trimestre analisado, tendo como referência o intervalo imediatamente antecedente, o mercado de trabalho baiano se deparou com elevação tanto na ocupação quanto na desocupação. Assim, após três recuos trimestrais seguidos, o contingente de ocupados voltou a aumentar. Com o terceiro menor nível da série, a população ocupada foi estimada em 5,188 milhões, representando um recuo de 10,7% (-621 mil pessoas) em contraponto à do mesmo período de 2019 e uma alta de 6,5% (+316 mil) comparativamente à do trimestre anterior. A população desocupada foi calculada em 1,296 milhão de indivíduos, segundo maior quantitativo já registrado na série – indicando uma alta de 1,8% (+23 mil) frente à do terceiro trimestre de 2020 e de 13,6% (+155 mil) em relação à do mesmo conjunto de meses de um ano antes.

Na avaliação interanual, a queda na ocupação combinada com a alta do número de desocupados desembocou numa subida da taxa de desocupação no estado. O movimento ascendente da taxa de desocupação em um ano, portanto, esteve atrelado tanto à redução de pessoas trabalhando quanto ao aumento de indivíduos procurando por trabalho. Nessa base de comparação, o fechamento de postos (-621 mil) num volume acima ao da saída de indivíduos da força de trabalho (-466 mil) ajuda a explicar o aumento da quantidade de desocupados (+155 mil). Além do mais, diante de uma maior população em idade de trabalhar, importante ressaltar que a alta da desocupação somente não foi mais expressiva por conta do crescimento do contingente fora da força de trabalho. Não à toa, esse quantitativo, que não estava ocupado nem desocupado na semana de referência, alcançou o terceiro maior registro da sequência, de 5,901 milhões de indivíduos.

Após duas quedas sucessivas em relação ao trimestre imediatamente anterior, o conjunto dos informais completou duas altas subsequentes no trimestre mais recente. O quantitativo de formais, por sua vez, exibiu alta após dois recuos seguidos. No entanto, do terceiro ao quarto trimestre, a ampliação da ocupação derivou principalmente do acréscimo no montante de informais, visto que a variação positiva dos formais se mostrou bem menos abundante. Em termos interanuais, a queda da ocupação em território baiano decorreu enormemente do encolhimento do quadro de informais, já que o de formais decresceu de forma menos intensa. Por fim, o trimestre de outubro a dezembro de 2020 contabilizou 2,742 milhões de ocupados na informalidade e 2,447 milhões na formalidade.

O grau de informalidade da população ocupada no mercado de trabalho baiano no trimestre encerrado em dezembro de 2020, dessa forma, recuou quando comparado com o de um ano antes e aumentou no confronto ao observado no trimestre imediatamente antecedente. No intervalo mais recente, entre os ocupados, 52,9% eram considerados informais, ao passo que, no mesmo trimestre do ano de 2019 e no terceiro de 2020, eram 54,8% e 51,3%, respectivamente. No Brasil como um todo, 39,5% dos trabalhadores se encontravam alocados na informalidade entre outubro e dezembro do ano passado.

¹¹ A taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação àquelas em idade de trabalhar.

Além da queda no índice de desocupação no estado na margem, a taxa composta de subutilização da força de trabalho também decresceu, alcançando 44,6% no trimestre mais atual – indicando, assim, retração de 1,3 ponto percentual em relação à estimativa do trimestre antecedente (45,9%). Mesmo com esse declínio, a taxa exibiu o terceiro maior registro da série¹². Em relação ao mesmo trimestre do ano de 2019, quando o referido percentual se encontrava em 39,0%, porém, houve uma alta de 5,6 pontos percentuais. A Bahia, assim, exibiu a quarta maior taxa de subutilização entre as unidades federativas. No Brasil como um todo, a taxa ficou em 28,7% no período retratado. Enfim, no trimestre encerrado em dezembro de 2020, 3,488 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade se encontravam na condição de subutilizadas em território baiano.

O montante de desalentados em terras baianas no quarto trimestre do ano de 2020 foi de 813 mil pessoas, o terceiro maior da série¹³. Assim, houve um aumento de 39 mil (+5,0%) indivíduos nessa condição em um ano e de 21 mil (+2,7%) ao levar-se em consideração o terceiro trimestre de 2020. Trata-se do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Atualmente, a Bahia concentra 14,0% da população desalentada brasileira (5,788 milhões). O percentual de pessoas desalentadas no estado ficou em 11,1% de outubro a dezembro de 2020, o terceiro maior registro da sequência histórica.

Considerando-se os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o número de pessoas ocupadas diminuiu em oito do total de dez setores. No caso, o encolhimento relativo do nível de emprego foi maior em *Serviços domésticos* (-23,7%), *Indústria geral* (-23,6%), *Outros serviços*¹⁴ (-21,3%), *Alojamento e alimentação* (-19,2%) e *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-15,2%); e relativamente menor em *Construção* (-11,1%), *Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas* (-8,2%) e *Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais* (-5,6%). Em compensação, a ocupação cresceu nos setores *Transporte, armazenagem e correio* (+6,0%) e *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (+3,5%).

Com base na PNADC, em sua edição trimestral, o rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no quarto trimestre de 2020, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.617. Em relação ao mesmo intervalo de 2019, quando estava em R\$ 1.664, houve queda de 2,8%. Num comparativo com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.773, ocorreu uma variação negativa de 8,8%. A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 8,088 bilhões, menor montante já contabilizado – significando diminuição de 2,4% frente à do trimestre antecedente, de R\$ 8,291 bilhões, e de 13,6% num comparativo com a do mesmo período do ano passado (por sinal, a maior queda percentual nessa base de comparação já registrada), cujo valor havia sido de R\$ 9,357 bilhões.

12 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

13 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por, pelo menos, uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

14 O grupamento ocupacional *Outros serviços*, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Tabela 4**Síntese das principais informações da PNADC – Bahia – 4º tri. 2019/3º tri. 2020/4º tri. 2020**

Indicador	Estimativa			Variação	
	4º tri. 2019	3º tri. 2020	4º tri. 2020	4º tri. 2020 / 3º tri. 2020	4º Tri. 2020 / 4º Tri. 2019
Taxa de desocupação	16,4%	20,7%	20,0%	-0,7 p.p.	3,6 p.p.
Nível da ocupação	48,5%	39,5%	41,9%	2,4 p.p.	-6,6 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	58,0%	49,9%	52,4%	2,5 p.p.	-5,6 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	39,0%	45,9%	44,6%	-1,3 p.p.	5,6 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	15,5%	14,7%	16,6%	1,9 p.p.	1,1 p.p.
Percentual de desalentados ¹	10,0%	11,4%	11,1%	-0,3 p.p.	1,1 p.p.
Grau de Informalidade	54,8%	51,3%	52,9%	1,6 p.p.	-1,9 p.p.
População em idade de trabalhar (em mil)	11.989	12.324	12.385	0,5%	3,3%
População na força de trabalho (em mil)	6.950	6.145	6.484	5,5%	-6,7%
Ocupados (em mil)	5.809	4.872	5.188	6,5%	-10,7%
Subocupados por insuficiência de horas trabalhadas (em mil)	903	715	863	20,7%	-4,4%
Desocupados (em mil)	1.141	1.273	1.296	1,8%	13,6%
População fora da força de trabalho (em mil)	5.039	6.179	5.901	-4,5%	17,1%
População na força de trabalho potencial (em mil)	1.097	1.538	1.329	-13,6%	21,1%
Desalentados (em mil)	774	792	813	2,7%	5,0%
População subutilizada (em mil)	3.141	3.526	3.488	-1,1%	11,0%
Rendimento médio real habitual	R\$ 1.664	R\$ 1.773	R\$ 1.617	-8,8%	-2,8%
Massa de rendimento real (em milhões)	R\$ 9.357	R\$ 8.291	R\$ 8.088	-2,4%	-13,6%

Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

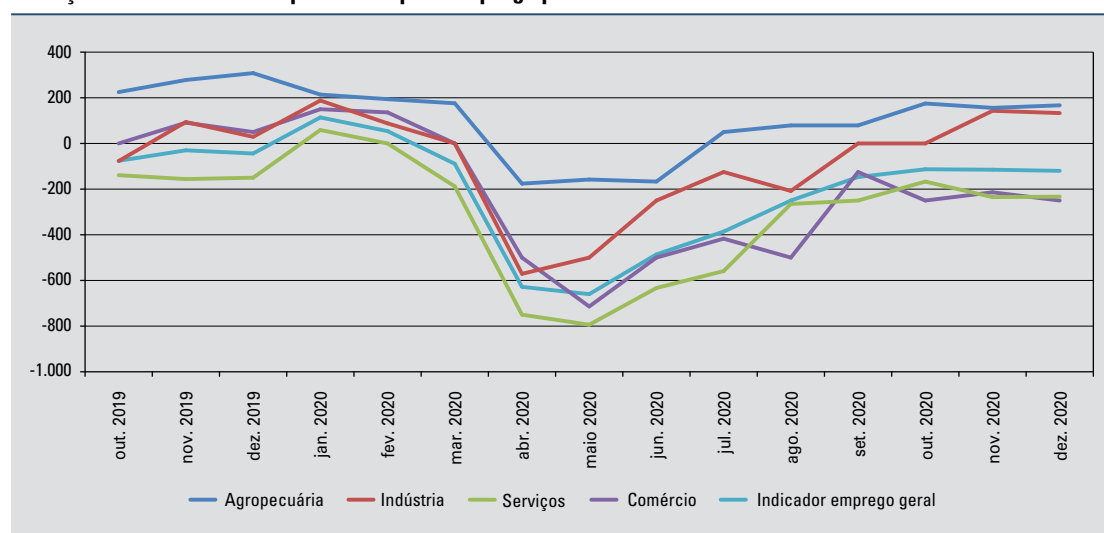
A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas dos empresários de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação futura de trabalhadores. Construído a partir das respostas do empresariado da Bahia em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde março de 2020, ou seja, há dez meses – mas isso após dois meses seguidos com valor acima de zero.

Após o mês de janeiro de 2020, quando atingiu 114 pontos, maior patamar desde março de 2013, o referido indicador entrou em rota de declínio, fato somente interrompido em junho – de lá até outubro, a trajetória foi de recuperação, mas nos dois últimos meses do ano passado praticamente se estabilizou. Frente aos meses do terceiro trimestre, os do quarto trimestre se situaram num degrau acima: outubro, -113 pontos; novembro, -115 pontos; e dezembro, -120

pontos. O mês de outubro, por exemplo, registrou o maior nível desde iniciada a crise do novo coronavírus. Os resultados recentes, mesmo diante da relativa imobilização e da manutenção de alguma apatia nas intenções de contratações em curto e médio prazos, representam certo refrigério diante do dramático cenário de poucos meses atrás.

Em relação ao desfecho do trimestre imediatamente antecedente, no entanto, a melhora do indicador referente ao emprego não se manifestou de forma generalizada, já que não ocorreu em um dos quatro setores (Gráfico 5). Entre as atividades, avanços foram registrados na *Agropecuária*, na *Indústria* e nos *Serviços*. O setor *Comércio*, por outro lado, apontou recuo das expectativas. Faz-se importante destacar que, com isso, o otimismo quanto ao emprego se espalhou um pouco mais e se manifestou em dois setores – portanto, um a mais do que no terceiro trimestre. Considerando-se que a pontuação pode variar de -1.000 a 1.000 pontos, o grupamento *Comércio* terminou no pior patamar entre os setores, com -250 pontos ao final do intervalo. Na outra ponta, mais uma vez, a atividade *Agropecuária* revelou a percepção mais favorável em relação às contratações futuras, com 167 pontos.

Gráfico 5
Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego por setor de atividade – Bahia – Out. 2019-dez. 2020



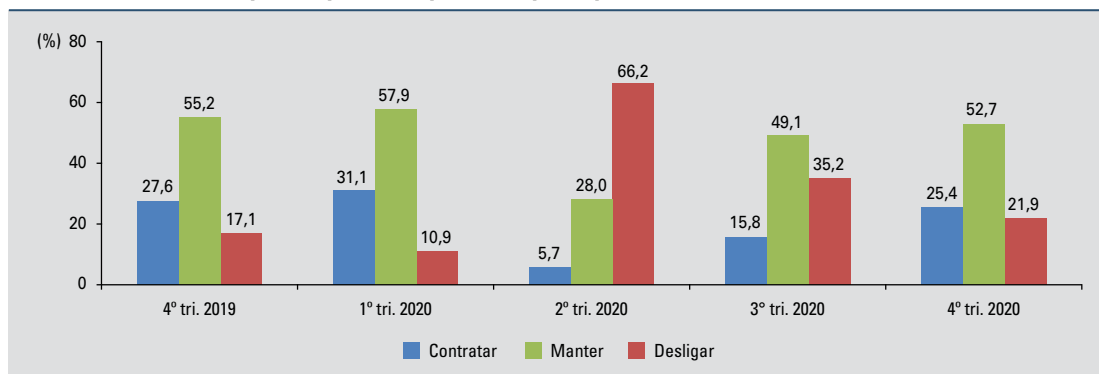
Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

No que diz respeito ao nível esperado de contratações futuras, analisando a média do trimestre, 52,7% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores, 25,4% cogitam contratar e 21,9% dos entrevistados pretendem promover o desligamento de empregados (Gráfico 6). Pontualmente, depois de dois trimestres consecutivos, houve uma inversão no trimestre mais recente, de forma que a proporção das empresas com intenção de expandir o quadro de pessoal ultrapassou a das que preveem comprimir, mas ainda sem se distanciar de forma expressiva.

Conforme o gráfico abaixo, após o elevadíssimo patamar registrado no segundo trimestre de 2020, quando atingiu 66,2%, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários recuou seguidamente, mas manteve um nível ainda moderado no último trimestre do referido ano (21,9%). O fito de admitir, por sua vez, depois de perder fôlego e expor um percentual abaixo do exibido nos últimos 16 trimestres – de 5,7% no segundo trimestre de 2020 –, emendou dois avanços e chegou a 25,4%, permanecendo, no entanto, abaixo do

nível observado no início daquele ano (31,1%). De resto, ao passar de 49,1% para 52,7% no movimento mais recente, a perspectiva empresarial de manter o quantitativo de empregados se expandiu mais uma vez – isso depois de ter encolhido bastante no intervalo de abril a junho de 2020, quando reduziu para 28,0%. Com expectativas ainda pouco satisfatórias, a prescrição de uma recuperação do mercado de trabalho sob o olhar empresarial, presente até o início do ano passado, ainda não se consolidou no horizonte¹⁵.

Gráfico 6
Percentual médio de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 4º tri. 2019-4º tri. 2020



Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
 Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

¹⁵ Levando-se em conta que a economia e, por tabela, o mercado de trabalho se encontraram diante de uma quebra violenta e brusca recentemente, com choques vindos tanto da oferta quanto da demanda, o que dificulta a modelagem em capturar uma perturbação com tais características, optou-se por não apresentar a projeção do emprego formal neste boletim. Além do mais, outro obstáculo surge pela redução da comunicabilidade entre os pontos da série por conta das mudanças promovidas na forma de captação dos dados do Caged.

NOTA METODOLÓGICA

Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



